

A AGRO-SILVO-PASTORÍCIA E O BEM COMUM



Os baldios do noroeste de Portugal têm uma vocação pastoril muito antiga, providenciando alimento para bovinos, caprinos, ovinos e equinos. Ao pastoreio nos baldios juntam-se as áreas privadas de pastagens permanentes (lameiros ou prados) e terras aráveis. Este conjunto forma um sistema agro-silvo-pastoril, no qual as populações, ao longo de séculos, desenvolveram saberes, práticas e modos de organização social que moldaram a flora, fauna e as paisagens.

A agricultura de montanha e o pastoreio nos baldios são importantes para a preservação do património natural e cultural e são exemplos de modos de vida e de organização social intimamente ligados à natureza. O abandono da atividade agrícola e o despovoamento das aldeias ameaça estes valores patrimoniais que têm resistido ao longo do tempo. Reconhecer e valorizar o papel da agro-silvo-pastorícia para a economia, para a qualidade de vida, bem-estar e coesão social, e para a sustentabilidade ambiental, é um dos objetivos do projeto Bem Comum.

Em 2024 o projeto Bem Comum realizou o Inquérito às Comunidades Baldias, obtendo-se 227 respostas

de dirigentes de baldios do noroeste do país. Apesar da diminuição generalizada do número de agricultores e criadores de gado em sistemas extensivos, esta atividade continua presente em mais de 91% das áreas comunitárias, e em 81% destas ainda se realiza a recolha de matos. Interessa salientar que em 34% dos baldios foi mencionada a existência de rebanho coletivo, refletindo a continuidade de lógicas comunitárias de organização do pastoreio. Nalguns casos, mantém-se o sistema tradicional das vezeiras. Noutros surgem modelos inovadores, promovidos pelos dirigentes do baldio, com investimento direto na criação e manutenção de rebanhos, sobretudo de pequenos ruminantes.

Conciliar cultura, economia e ecologia nas nossas serras é um desafio para o qual devem contribuir a ciência, a administração pública, os consumidores, os cidadãos, os compartes dos baldios e os agricultores. Destacamos o apoio que o Projeto Bem Comum recebeu das equipas dos projetos [Life Maronesa](#), do [Laboratório Rural de Paredes de Coura](#) e do [Centro de Competências para o Pastoreio Extensivo](#) nas diversas atividades desenvolvidas pelo projeto Bem Comum no âmbito das questões agro-silvo-pastoris.

FAFIÃO - ALDEIA DE LOBOS E DE TRADIÇÕES PASTORIS



A aldeia de Fafião localiza-se na freguesia de Cabril, concelho de Montalegre, e foi um dos estudos de caso do projeto Bem Comum. O baldio de Fafião tem uma área total de 2 084 hectares, gerida pelo Conselho Diretivo da Comunidade Local dos Baldios de Fafião. Esta aldeia tem-se projetado no mundo através do famoso Festival da Aldeia de Lobos.



Para estudar a atividade da pecuária extensiva entrevistámos 10 criadores de gado, com o apoio da Associação Vezeira de Fafião. Verificámos que a maioria dos produtores entrevistados tem entre 60 e 74 anos, muitos deles reformados ou empregados que exercem a agropecuária como atividade secundária. Se a baixa rentabilidade da agricultura nestes territórios dificulta a profissionalização, interessa realçar que os rendimentos complementares que gera são importantes para as economias familiares. Os poucos produtores mais jovens são os que mais investem e inovam, sendo de referir a existência de um jovem agricultor a tempo inteiro, com menos de 40 anos.

Os criadores entrevistados têm efetivos de bovinos das raças autóctones Minhota, Barrosã e Cachena, caracterizadas pela rusticidade e qualidade da carne produzida. Em conjunto detêm um total de 61 bovinos, 76 ovinos e 4 caprinos. A alimentação dos bovinos depende da produção forrageira nas áreas privadas (1,8 hectares por produtor, em média), e do pastoreio livre no baldio, entre maio e setembro. O número de caprinhicultores decaiu acentuadamente nos últimos anos. A Associação Vezeira de Fafião procurou manter o efetivo de caprinos de raça Bravia, através da contratação de um pastor pelo projeto "Vezeira da Rés". A grande dificuldade deste projeto foi garantir a continuidade em funções de um pastor.

Os criadores de gado de Fafião mencionaram vários constrangimentos à sua atividade, com destaque para: **(1)** os ataques de lobos e javalis, resultando em perdas

significativas nos rebanhos e nas culturas; **(2)** a complexa burocracia no acesso aos apoios da Política Agrícola Comum e às indemnizações por perdas causadas pelo lobo e **(3)** os custos com a aquisição de alimentos compostos e forragens conservadas, no caso de produtores com maior efetivo.

Está presente na aldeia uma lógica de entreajuda entre gerações, no trabalho e na gestão agrícola, sem a qual o abandono da atividade seria ainda mais acentuado. Os mais jovens obtêm dos mais velhos o conhecimento tradicional, as aprendizagens práticas e o acesso à terra. A estes retribuem com a sua energia e com a sua capacidade para lidar com um mundo cada vez mais digital e com as crescentes exigências regulamentares e do mercado. Estes laços de entreajuda estendem-se aos jovens que emigraram ou encontraram alternativas profissionais fora do meio rural e que mantêm uma presença regular na aldeia aos fins-de-semana e nas férias.

Entrevistámos Júlio Marques, da Associação Vezeira de Fafião, que conhece desde muito jovem as paisagens do Parque Nacional da Peneda-Gerês, inicialmente como visitante apaixonado e hoje como residente e comparte da Comunidade Local dos Baldios de Fafião. Considera que a drástica redução do efetivo caprino, a par do risco de diminuição dos criadores de gado bovino, é um fator crítico da transformação da paisagem no sentido de um crescente risco de incêndio, perda de biodiversidade e de valor cultural e estético.

Para além das tradições e da importância para os ecossistemas, a pecuária extensiva é uma atividade económica que tem de ser compensadora e que deve adotar as inovações que melhorem a sua rentabilidade e as condições de trabalho. No projeto Bem Comum consideramos que a melhor forma de inovar é trabalhar lado-a-lado com agricultores e comunidades, aprendendo e partilhando conhecimento. É a isto que chamamos de processo de cocriação de inovação.



A VEZEIRA: UMA TRADIÇÃO QUE PROMOVE A SUSTENTABILIDADE

A vezeira é uma prática ancestral de pastoreio coletivo nos baldios, na qual os donos dos animais iam “à vez” vigiar o gado (bovino) ou a rês (pequenos ruminantes). Esta prática é típica de regiões montanhosas como as serras do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Este sistema de pastoreio não é apenas uma técnica agrícola. O uso em comum das áreas comunitárias e a entreajuda entre os criadores de gado e pastores fortalecem os laços sociais e culturais das aldeias. É a partir do pastoreio dos lugares mais altos e distantes das aldeias que assenta grande parte do conhecimento tradicional que os povos têm das serras, dos seus recursos, dos seus riscos, dos ciclos anuais da vida e da natureza.

A vezeira é, por isto, um dos principais pilares da identidade comunitária e da manutenção de formas de vida enraizadas na tradição e nos ecossistemas locais. As vezeiras contribuem para manter as serras com maior diversidade paisagística e de habitats, sobretudo pelo seu contributo para a manutenção dos prados de altitude e áreas de matos baixos, ambos com elevada biodiversidade e baixo risco de incêndio. Do ponto de vista produtivo, a vezeira permite um aproveitamento destas pastagens naturais, reduzindo a necessidade de recorrer a alimentos compostos e a fertilizantes químicos. Os animais em pastoreio livre têm a possibilidade de expressar o seu comportamento natural, contrariamente ao que sucede nos sistemas intensivos de estabulação permanente. Os produtos obtidos são de maior qualidade, nutritivos e com alto potencial de valorização gastronómica e turística.

A subida da vezeira é um dos momentos simbolicamente mais importantes deste sistema. Em maio os vizinhos de cada aldeia reúnem os seus animais para os conduzirem às pastagens de altitude no baldio, onde permanecerão até setembro, guardados alternadamente por cada proprietário, de acordo com as regras que a comunidade define. Com o gado na serra, em pastoreio livre e com a vigilância organizada, liberta-se gente para os trabalhos agrícolas das sementeiras, nas terras aráveis das aldeias, e para a azáfama das ceifas dos feno, nos prados e lameiros, garantindo a alimentação dos animais no inverno. A organização coletiva e colaborativa da vigilância dos animais em pastoreio reforça os laços sociais, promove a partilha de responsabilidades entre os habitantes e permite minimizar custos e esforços.

Muitas das vezeiras já desapareceram, algumas resistem e outras reinventam-se. Há hoje uma maior consciência da importância de conservar estas tradições para construir um futuro sustentável nos territórios de montanha. A percepção desse valor reflete-se no crescente reconhecimento nacional e internacional das tradições pastoris serranas como elementos do património cultural imaterial dos povos. É o caso de um conjunto de países europeus que em 2023 inscreveu a [Transumância](#) dos Rebanhos na Lista do Património Cultural Imaterial da Humanidade, da UNESCO. Também em Portugal, em 2023, a Vezeira de Vilar da Veiga integrou o Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial ([INPCI 2023_013](#)), que na forma de um evento cultural e turístico organizado já vai na sua 19ª edição.

BALDIOS DE CABRIL E PINCÃES

Subida da Vezeira

1 de maio de 2025



Programa:

7h00: Concentração:

- Pincães
- São Ane
- São Lourenço

13h00: Almoço partilhado em Lagoa (cada um leva o seu)

No final: Caldo no Pote





O projeto Bem Comum teve a oportunidade de acompanhar a subida das vezeiras de Pincães e de Cabril no passado dia 1 de maio. Também aqui há inovação, na forma de envolver as várias gerações, divulgar ao público e garantir um sistema de vigilância em que se combina a participação dos criadores de gado, de forma rotativa, com o apoio fundamental de um vezeireiro permanente contratado.

A preservação das vezeiras implica necessariamente as comunidades locais e os baldios, mas não só. São necessários os instrumentos adequados de apoio, à semelhança do que sucede nos Alpes e nos Pirenéus, onde várias organizações promovem a capacitação e valorização dos pastores e da sua atividade. Os criadores de gado e os pastores do futuro deverão ser pessoas com conhecimentos de produção animal e agrícola, competências na gestão da biodiversidade e da paisagem, sensibilidade para as práticas tradicionais do seu território e capacidade de comunicação com vários públicos, desde as crianças e jovens em visitas de estudo aos turistas estrangeiros atraídos pelas práticas e paisagens. Com este tipo de capacitação e o respetivo reconhecimento social da profissão, que, aliados à paixão pela atividade e a um gosto profundo pela natureza, não deverá ser difícil manter ou trazer mais pessoas jovens para atividades pastoris nas serras.



A AGRO-SILVO-PASTORÍCIA, A PAC E O PEPAC

As áreas comunitárias locais são tradicionalmente utilizadas como suporte ao pastoreio pelos compares dos baldios, sendo comum a presença de gado bovino, caprino, ovino, equino e asinino.

Nos territórios de montanha, onde a paisagem é naturalmente pedregosa e a vegetação varia consoante a localização, os sistemas pastoris tradicionais baseiam-se no pastoreio livre dos bovinos nas áreas comunitárias ou em pastoreio de percurso, acompanhado de pastor, no caso dos caprinos e ovinos. Estes herbívoros são de raças autóctones, perfeitamente adaptados ao território, e com preferências alimentares que combinam espécies arbustivas e herbáceas instintivamente selecionadas pelos próprios animais. A maior parte dessas espécies são nativas, quer nos lameiros e prados, quer no baldio. Cada vez mais interessa valorizar a capacidade destes animais para se alimentarem de plantas exóticas invasoras, como as mimosas, austrálias ou a sanguinária do japão, dando um significativo contributo no seu controlo.

Além de sustentarem o pastoreio, as áreas baldias de prados e matos são fundamentais para a fauna selvagem. Espécies como cabras-montesas, corços e veados habitam estas áreas e também nelas encontram alimento. Por seu lado, tanto os herbívoros selvagens como os domésticos são parte da dieta alimentar das alcateias de lobo-ibérico que subsiste nas

serras do norte de Portugal. Os herbívoros domésticos também precisam da floresta, pois é nos bosques que se abrigam de ventos e chuvas ou do calor extremo do meio-dia, e também aí encontram alimento na vegetação rasteira ou mesmo nas ramadas baixas das árvores, sobretudo se forem carvalhos ou outras espécies autóctones. Em conjunto, há uma rica biodiversidade silvestre e agrícola nas montanhas que beneficia da atividade de pastoreio extensivo ou que dela depende.

O valor da agricultura e pastoreio de montanha é reconhecido politicamente, na medida em que existem apoios específicos para estas atividades na Política Agrícola Comum (PAC). No entanto, na sua relação com os baldios, a evolução recente dessas políticas tem sido bastante prejudicial. Para efeitos das ajudas da PAC, as áreas comunitárias foram classificadas como "prática local" e sujeitas a um coeficiente de redução de 50% na sua elegibilidade, valor definido durante a reforma da PAC para 2014-2020. Esta redução foi agravada, ao longo dos últimos anos, por cortes adicionais nas áreas consideradas elegíveis para prática local de pastoreio.

De 2023 para 2024 registou-se a maior perda de área elegível para apoios ao pastoreio nos baldios. Nos territórios piloto do projeto Bem Comum, e no caso dos baldios associados do Agrupamento de Baldios da Serra do Gerês (ABSG), a área elegível passou dos 2 100 hectares em 2023 para 1 000 hectares no início

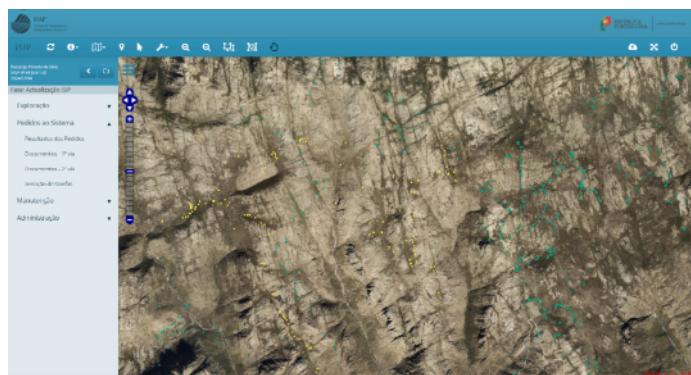
de 2024. Nos baldios serranos do território piloto no concelho de Arcos de Valdevez, a Associação Florestal Atlântica e a Cooperativa Agrícola de Arcos de Valdevez e Ponte da Barca (CAAVPB) indicam uma quebra similar, de 6 306 hectares elegíveis em 2023 para 3 361 hectares em 2024. Estes cortes de cerca de 50% da área elegível traduziram-se em perdas consideráveis nos apoios zonais para os baldios (Peneda-Gerês), e em perdas muito acentuadas nos rendimentos dos agricultores. Há que realçar que a capacidade para manter efetivos pecuários em zonas de montanha é igualmente afetada por estas alterações. Dados os valores ecológicos a preservar este encabeçamento está sujeito a critérios de mínimo e máximo (expressos em cabeças-normais por hectare de área de forrageira). Para o cumprimento desses critérios as áreas comunitárias de pastagem são, como não poderia ser de outro modo nestes territórios, um componente fundamental.

O corte abrupto na elegibilidade das áreas levou a um grande descontentamento dos agricultores e das comunidades serranas e à sua desmotivação para se manter ou investir na agricultura e permanecer no meio rural. Em simultâneo, gerou espaço para a contestação das alterações do ponto de vista técnico e científico. Os parceiros do projeto Bem Comum (ABSG, Atlântica e CAAVVPB) têm técnicos de proximidade, que conhecem o terreno, a vegetação, as áreas percorridas pelos efetivos e os seus padrões alimentares, contestaram estes cortes. Para recuperar a elegibilidade das áreas de pastagem percorreram os baldios, parcela a parcela, em ações de recolha de evidências fotográficas georreferenciadas demonstrativas da efetiva existência de pastos e de pastoreio. Com um significativo esforço físico, submeteram evidências e fundamentaram propostas de atualização do parcelário, para recuperar áreas elegíveis. Considerando que, apenas na área do ABSG, se efetivou a recuperação de quase 1 000 hectares, permitindo incrementar em 500 hectares o valor elegível para apoios do 1º pilar aos agricultores, ficou patente o modo grosseiro e desajustado da forma como, política e/ou tecnicamente, se decidiram os cortes.

Num contexto de despovoamento, envelhecimento e progressivo abandono agrícola e pastoril nas áreas montanhosas do noroeste de Portugal (e de todos os sistemas serranos do norte e centro do país), esta forma de fazer política agrícola aumenta o risco de desaparecimento de muitas pequenas e médias explorações, e desmotivar as comunidades locais que começam a gerir os baldios numa perspetiva multifuncional, promovendo a valorização sustentável e integrada das atividades tradicionais silvo-pastoris, reforçando e qualificando o turismo, e aumentando o compromisso com a conservação das florestas e da biodiversidade silvestre. É urgente reformular a forma como o Estado se relaciona com as comunidades locais serranas, com os baldios e com os criadores de gado e pastores no sentido de restaurar, não apenas a natureza, mas também a confiança destes nas instituições públicas. Para o conseguir é preciso mais diálogo e mais atenção à especificidade de cada território e de cada atividade.



Trabalho de campo para reunir evidências das áreas de pastagem no baldio



Submissão de propostas de atualização da ocupação do solo no parcelário (IFAP)



Área de pastagem de altitude num baldio

REDES DE MULHERES GANADEIRAS

O Projeto Bem Comum inspirou-se na experiência espanhola das *Ganaderas en Red* (GeR) para desafiar mulheres portuguesas que se dedicam à pecuária extensiva em Portugal a criar um espaço de encontro, partilha de informação e apoio mútuo, ou seja, uma rede. Uma rede na qual podem conhecer-se melhor entre si, tornar mais visível o papel das mulheres e unir esforços para contribuir mais e melhor na promoção da atividade pastoril e dos territórios rurais. As GeR definem-se a si mesmas como *Mulheres de Terra, Vento e Gado* e perceberam, já com 10 anos de atividade, que com a união e o trabalho em rede deixaram de ser invisíveis e passaram a ter uma voz nos assuntos ligados à pecuária e à ruralidade em Espanha.

O Bem Comum convidou as GeR para virem falar com as nossas criadoras de gado e contar a história. O entusiasmo da María Turiño e da Charo García foi contagiente e reforçou-se a vontade de aprofundar esta colaboração e de criar uma Rede de Ganadeiras em Portugal. As *Ganaderas en Red* são um movimento que une mulheres de muitas aldeias do país vizinho, dedicadas à produção pecuária assente em práticas



de pastoreio, com nenhum ou baixo recurso a alimentos comprados. Contaram-nos que as GeR usam uma plataforma de comunicação e colaboração online, que depende do acesso à Internet. Com os seus telemóveis, ou computadores, elas comunicam entre si para não se sentirem sós, para terem ajuda das colegas, para planear encontros e para decidirem em conjunto como comunicar com a sociedade e com o Estado. Estão nas redes sociais, fizeram vídeos e livros, elaboraram manifestos com as suas ideias e reivindicações. A rede ajuda-as a acreditarem mais em si mesmas e no valor do seu trabalho.

O passo seguinte foi organizar um encontro mais alargado, quer com as GeR, quer com as ganadeiras portuguesas. Esse encontro realizou-se no dia 8 de março, na Escola Superior Agrária do IPVC e online, com as criadoras e pastoras de outras regiões do país e de Espanha. Para animar a rede criou-se um grupo no *WhatsApp* que já tem 26 participantes, além das técnicas do Bem Comum. Neste grupo podem (1) partilhar as técnicas agrícolas e de maneio do gado; (2) falar das suas experiências e sucessos do dia a dia; (3) planear encontros para fortalecer vínculos e trocar conhecimentos. Esta comunicação tem gerado um sentido de comunidade, permitindo que cada uma se sinta mais segura e confiante no seu trabalho. Como nos dizem estas expressões: *"Ao unir-me com outras mulheres, contribuímos para um agro mais justo, moderno e diverso"*, ou a seguinte: *"Passo a maior parte do tempo sozinha com os animais. Saber que existe uma rede assim é muito bom."*

Desde a sua criação, o grupo já marcou presença em diversos eventos e tem vindo a ganhar visibilidade na comunicação social, dando voz ao trabalho das mulheres ganadeiras em Portugal.

Para dar rosto e voz às mulheres da rede o projeto fez um pequeno documentário, que está disponível [no YouTube](#).

BEM COMUM
Inovação e Cooperação na Gestão dos Baldios, para Potenciar a Bioeconomia, Sustentabilidade e Resiliência das Comunidades Rurais e da Agro-Silvo-Pastorícia

CONTACTOS
Morada ESA-IPVC | Rua D. Mendo Afonso, 147
Refóios do Lima | 4990-706 Ponte de Lima.
Telefone 258 909 740 | Ext. 22139
Email projetobemcomum2023@gmail.com

PRR Plano de Recuperação e Resiliência
REPÚBLICA PORTUGUESA
Financiado pela União Europeia NextGenerationEU

BEM COMUM

Inovação e Cooperação na Gestão dos Baldios, para Potenciar a Bioeconomia, Sustentabilidade e Resiliência das Comunidades Rurais e da Agro-Silvo-Pastorícia

CONTACTOS

Morada ESA-IPVC | Rua D. Mendo Afonso, 147
Refóios do Lima | 4990-706 Ponte de Lima.

Telefone 258 909 740 | Ext. 22139

Email projetobemcomum2023@gmail.com

